

CAPÍTULO UM

ACORDO DESCALÇO, DE PÉ sobre o frio da ardósia. Olhando para a distância vertiginosa abaixo. Inspiro uma lufada de ar gélido.

Acima de mim, vejo as estrelas. Abaixo, a estátua de bronze do coronel Wallingford me faz perceber que estou vendo a praça central do alto de Smythe Hall, meu alojamento.

Não tenho lembrança alguma de subir as escadas até o telhado. Nem sei *como* chegar onde estou, e isso é um problema, pois terei que sair daqui, de preferência de uma forma que não envolva morrer.

Tremendo, forço-me a ficar o mais parado que consigo. A não inspirar rápido demais. A me segurar à ardósia com os dedos dos pés.

A noite está tranquila, com o tipo de silêncio da madrugada que faz o som de cada movimento ou respiração nervosa ecoar. Quando as silhuetas negras das árvores acima de mim se mexem com o vento, dou um pulo de surpresa. Meu pé desliza em alguma coisa escorregadia. Musgo.

Tento me firmar, mas minhas pernas cedem.

Tateio o ar atrás de alguma coisa a que me agarrar quando meu peito nu bate na ardósia. A palma da minha mão cai com força sobre um pedaço de telha de cobre, mas nem sinto dor. Ao mover as pernas, meu pé encontra uma saliência no telhado, e pressiono os dedos contra o suporte de neve até me equilibrar. Dou uma risada de alívio, embora esteja tremendo tanto que escalar de volta fica fora de questão.

O frio deixa meus dedos dormentes. A descarga de adrenalina faz meu cérebro gritar.

– Socorro – digo baixinho, e sinto uma gargalhada louca subir pela minha garganta. Mordo a parte interna da bochecha para sufocá-la.

Não posso pedir socorro. Não posso chamar ninguém. Se fizer isso, meu fingimento cuidadosamente elaborado de que sou apenas um cara normal vai por água abaixo para sempre. Sonambulismo é coisa de criança, é estranho e constrangedor.

Observo o telhado pouco iluminado e tento enxergar o intervalo dos suportes, pequenas peças triangulares de plástico que impedem o deslizamento de neve e gelo, pequenas peças triangulares que não foram feitas para suportar meu

peso. Se eu conseguir chegar mais perto de uma janela, talvez consiga descer até ela.

Estico o pé, mexendo-me o mais lentamente possível e me contorcendo em direção ao suporte de neve mais próximo. Durante o movimento, arranho a barriga contra a ardósia, pois algumas placas estão lascadas ou não são completamente lisas. Piso no primeiro suporte, no seguinte, e depois chego a um que fica na extremidade do telhado. Lá, ofegante, com as janelas muito abaixo de mim e sem lugar para onde ir, decido que não estou disposto a morrer só por causa do constrangimento.

Inspiro ar gelado três vezes e grito.

– Ei! Ei! Socorro! – A noite absorve minha voz. Ouço o som distante de motores na estrada, mas nada vindo das janelas abaixo de mim.

– Ei! – Dessa vez grito, com voz gutural, o mais alto que consigo, alto o bastante para de as palavras arranharem minha garganta. – *Socorro!*

Uma luz é acesa em um dos quartos e vejo palmas de mãos pressionadas contra uma vidraça. No momento seguinte a janela se abre.

– Olá? – diz alguém com voz sonolenta abaixo de mim. Por um momento a voz dela me lembra a de outra garota. De uma garota morta.

Estico a cabeça para o lado e tento dar meu sorriso mais envergonhado. Como se ela não fosse levar um susto.

– Aqui em cima – digo. – No telhado.

– Ai, meu Deus! – Justine Moore ofega.

Willow Davis vai até a janela.

– Vou chamar o inspetor.

Aperto a bochecha contra a pedra fria e tento me convencer de que está tudo bem, de que não é uma maldição, de que, se eu aguentar mais um pouco, tudo vai ficar bem.

Uma multidão se junta abaixo de mim, saindo dos alojamentos.

– Pula – grita algum idiota. – Anda logo!

– Sr. Sharpe? – grita o supervisor Wharton. – Desça daí imediatamente, Sr. Sharpe! – Seu cabelo grisalho está de pé, como se ele tivesse sido eletrocutado, e veste um roupão do lado avesso e mal-amarrado. A escola toda pode ver sua cuequinha branca.

De repente, me dou conta de que estou só de cueca. Se ele está ridículo, eu estou pior.

– Cassel! – grita a Sra. Noyes. – Cassel, não pule! Sei que as coisas têm sido difíceis... – Ela para de falar, como se não tivesse certeza do que dizer depois. Provavelmente, está tentando lembrar o que é tão difícil. Tenho boas notas. Tenho um bom relacionamento com os outros.

Olho de novo para baixo. Câmeras de celulares piscam. Alunos do primeiro ano apoiam-se nas janelas do prédio ao lado, o Strong House, e alunos do terceiro e do quarto ano estão de pé na grama usando pijamas e camisolas, apesar de os professores estarem tentando desesperadamente levá-los de volta para os alojamentos.

Dou meu melhor sorriso.

– Xis – digo baixinho.

– Desça, Sr. Sharpe – grita o supervisor Wharton. – Estou avisando!

– Estou bem, Sra. Noyes – grito. – Não sei como cheguei aqui. Acho que tive um ataque de sonambulismo.

Eu tinha sonhado com uma gata branca. Ela se inclinou por cima de mim, inspirando profundamente, como se fosse sugar o ar dos meus pulmões, mas o que fez na verdade foi morder minha língua. Não senti dor, só uma gigantesca e sufocante sensação de pânico. No sonho, minha língua era uma coisa vermelha que se debatia, úmida e do tamanho de um rato, e a gata a carregava na boca. Eu queria minha língua de volta. Saltei da cama e fui atrás da gata, mas ela era ágil e rápida demais. Eu a segui. Quando percebi, estava tremendo no telhado de ardósia.

Uma sirene soa ao longe e vem se aproximando. Minhas bochechas doem de tanto sorrir.

Depois de algum tempo, um bombeiro sobe em uma escada e me ajuda a descer. Me cobrem com um cobertor, mas meus dentes estão batendo com tanta força que não consigo responder a nenhuma das perguntas. É como se o gato tivesse mesmo roubado minha língua.

Na última vez em que estive na sala da diretora, meu avô estava comigo para me matricular na escola. Eu me lembro de vê-lo esvaziar um prato de cristal cheio de balas de menta dentro do bolso enquanto o supervisor Wharton falava sobre o admirável jovem que eu viria a ser. O prato de cristal foi parar no outro bolso.

Estou sentado na mesma cadeira de couro verde, enrolado em um cobertor, e olho para a gaze que cobre a palma da minha mão. Realmente, um jovem admirável.

– Sonambulismo? – pergunta o supervisor Wharton. Ele está usando um terno marrom de tweed, mas o cabelo ainda está bagunçado. Está de pé perto de uma prateleira coberta de enciclopédias ultrapassadas e passa um dedo enluvado pelas lombadas de couro em frangalhos.

Reparo que há um novo prato de vidro barato cheio de balas de menta sobre a mesa. Minha cabeça está latejando. Queria que as balas fossem aspirina.

– Eu era sonâmbulo. Não acontece há muito tempo.

Sonambulismo não é incomum em crianças, principalmente meninos. Pesquisei na internet depois de acordar na entrada da garagem quando tinha 13 anos, com os lábios roxos de frio e sem conseguir me livrar da sensação de que tinha acabado de voltar de um lugar do qual não conseguia me lembrar.

Do lado de fora das janelas de caixilharia de chumbo, o sol nascente enche as árvores de um brilho dourado. A diretora, Sra. Northcutt, está com o rosto inchado e os olhos vermelhos. Está bebendo café em uma caneca com o logotipo de Wallingford e a aperta com tanta força que o couro das luvas está quase rasgando nas dobras dos dedos.

– Eu soube que você está tendo problemas com sua namorada – diz a diretora Northcutt.

– Não – respondo. – Problema nenhum. – Audrey terminou comigo depois das férias de inverno por estar cansada

das minhas mudanças de humor. É impossível ter problemas com uma namorada que não tenho mais.

A diretora limpa a garganta.

– Alguns alunos acham que você agencia apostas. Está com algum tipo de problema? Deve dinheiro a alguém?

Olho para baixo e tento não sorrir ao ouvir sobre meu pequeno império criminoso. Ele consiste apenas em um pouco de falsificação e uma bolsa de apostas. Não tenho nenhum golpe em andamento; nem mesmo aceitei a sugestão do meu irmão Philip de que poderíamos ser os principais fornecedores de bebida alcoólica para menores na escola. Tenho quase certeza de que a diretora não se importa com as apostas, mas fico feliz por ela não saber que a mais popular é a de quais professores saem juntos. Northcutt e Wharton são um casal improvável, mas isso não impede que as pessoas apostem dinheiro neles. Nego com a cabeça.

– Tem tido mudanças de humor ultimamente? – pergunta o supervisor Wharton.

– Não – respondo.

– E quanto a mudanças no apetite e no padrão de sono?

– Ele parece estar recitando palavras de um livro.

– O problema é meu padrão de sono – digo.

– O que você quer dizer? – pergunta a diretora Northcutt, repentinamente atenta.

– Nada! Só que eu estava tendo uma crise de *sonambulismo*, e não tentando me matar. E se eu quisesse me matar, não pularia de um telhado. E se *fosse* pular de um telhado, vestiria uma calça antes.

A diretora toma um gole da caneca. Sua mão está mais relaxada.

– Nosso advogado me aconselhou a não permitir que você fique no alojamento até um médico nos garantir que nada desse tipo vai acontecer de novo. Você representa um risco muito grande.

Pensei que as pessoas iam me encher o saco, mas nunca achei que haveria consequências concretas. Pensei que ia levar uma bronca. Talvez perder alguns pontos de comportamento. Fico perplexo demais por muito tempo para falar qualquer coisa.

– Mas não fiz nada de errado.

Isso é besteira, claro. As coisas não acontecem com as pessoas porque elas merecem. Além do mais, fiz muita coisa de errado.

– Seu irmão Philip vem buscar você – diz o supervisor Wharton. Ele e a diretora trocam olhares, e a mão de Wharton vai inconscientemente até o pescoço, onde vejo o cordão colorido e o contorno de um amuleto sob a camisa.

Eu entendo. Eles estão se perguntando se fui enfeitado. Amaldiçoado. Não é um grande segredo que meu avô era um mestre da morte da família Zacharov. Ele tem cotocos enegrecidos onde costumavam ficar os dedos como prova disso. E se eles leem jornais, sabem sobre minha mãe. Não é de estranhar que Wharton e Northcutt culpem as maldições por toda e qualquer coisa estranha relacionada a mim.

– Você não pode me expulsar por sonambulismo – digo, ficando de pé. – Isso deve ser ilegal. É um tipo de discrimi-

nação... – Paro de falar quando um pavor gelado toma conta do meu estômago, porque por um momento me pergunto se eu poderia ter sido enfeitado. Tento lembrar se alguém esbarrou em mim com a mão, mas não consigo me lembrar de ninguém tocando em mim sem estar de luva.

– Ainda não chegamos a nenhuma determinação sobre seu futuro aqui em Wallingford.

A diretora folheia alguns papéis que tem sobre a mesa. O supervisor se serve de café.

– Ainda posso ser aluno mesmo sem morar aqui.

Não quero dormir em uma casa vazia nem ter que dormir na casa de algum dos meus irmãos, mas é o que farei. Farei tudo que me permitir manter a vida do jeito que está.

– Vá para o alojamento e coloque algumas coisas na mala. Considere-se de licença médica.

– Só até eu ter um atestado – respondo.

Nenhum dos dois diz nada e, depois de alguns segundos de constrangimento, vou em direção à porta.

Não se sinta solidário demais. Eis a verdade essencial sobre mim: matei uma garota quando tinha 14 anos. O nome dela era Lila, ela era minha melhor amiga e eu a amava. Mas eu a matei mesmo assim. Grande parte do que aconteceu no dia do assassinato me parece enevoada, mas meus irmãos me encontraram de pé ao lado do corpo dela com sangue nas mãos e um sorriso estranho nos lábios. O que lembro melhor é a sensação que tive ao olhar para Lila: a alegria eufórica de sair impune de alguma coisa.

Ninguém sabe que sou um assassino além da minha família. E eu, é claro.

Não quero ser essa pessoa, então, passo a maior parte do tempo na escola fingindo e mentindo. Dá muito trabalho fingir ser uma pessoa que você não é. Não penso na música de que gosto; penso na música de que eu deveria gostar. Quando tive uma namorada, tentei convencê-la de que era o cara que ela queria que eu fosse. Quando estou no meio de um grupo, fico na minha até descobrir como fazer todo mundo rir. Felizmente, se tem uma coisa que faço bem, é fingir e mentir.

Eu falei que fiz muita coisa de errado.

Ando rapidamente, ainda descalço, ainda enrolado no cobertor áspero dos bombeiros, pela praça iluminada de sol, e vou até meu quarto. Sam Yu, meu colega, está colocando uma gravata no colarinho de uma camisa amassada quando entro pela porta. Ele olha para mim, assustado.

– Estou bem – falo, com cansaço. – Caso você estivesse pensando em perguntar.

Sam é fã de filmes de terror e aficionado por ciências, e cobriu a parede do nosso quarto com máscaras de alienígenas de olhos esbugalhados e pôsteres de imagens sanguinolentas. Seus pais querem que ele estude no Massachusetts Institute of Technology e que depois tenha um rentável emprego na indústria farmacêutica. Ele quer fazer efeitos especiais para filmes. Apesar de ter o tamanho de um urso e ser obcecado por sangue falso, até agora tem falhado em se

impor aos pais ao ponto em que nem sabem que discorda deles. Gosto de pensar que somos meio que amigos.

Não costumamos sair com as mesmas pessoas, o que torna mais fácil sermos meio que amigos.

– Eu não estava fazendo... o que você acha que eu estava fazendo – digo a ele. – Não quero morrer nem nada.

Sam sorri e coloca as luvas de Wallingford.

– Eu só ia dizer que ainda bem que você não dorme pelado.

Dou uma risada e me deito na cama. O estrado geme em protesto. Sobre o travesseiro ao lado da minha cabeça há um envelope novo, com o desenho de um código que me diz que um calouro quer apostar 50 dólares que Victoria Quaroni vai vencer o show de talentos. As chances são astronômicas, mas o dinheiro me faz lembrar que alguém vai ter que cuidar dos livros e fazer os pagamentos enquanto eu estiver afastado.

Sam dá um chute de brincadeira na base da cama.

– Tem certeza de que está bem?

Faço que sim com a cabeça. Sei que devia contar a ele que vou para casa, que ele está prestes a se tornar um dos caras sortudos que têm um quarto só para si, mas não quero perturbar meu frágil senso de normalidade.

– Só estou cansado.

Sam pega a mochila.

– Vejo você na aula, maluco.

Levanto a mão enfaixada para dar tchau, mas paro o gesto no meio.

– Ei, espere um segundo.

Com a mão na maçaneta, ele se vira.

– Eu estava pensando... caso eu vá embora. Você acha que as pessoas poderiam continuar deixando o dinheiro aqui?

Não gosto de perguntar, pois me coloca em dívida com ele e, ao mesmo tempo, torna a história da expulsão real, mas não estou pronto para abrir mão da única coisa que funciona a meu favor em Wallingford.

Ele hesita.

– Deixe pra lá. Finja que eu nunca...

Ele me interrompe.

– Vou ficar com uma parte?

– Vinte e cinco – falo. – Vinte e cinco por cento. Mas vai ter que fazer mais do que só recolher o dinheiro pra receber isso.

Ele assente lentamente.

– Tá, tudo bem.

Dou um sorriso.

– Você é o cara mais confiável que conheço.

– A bajulação leva você a qualquer lugar – diz Sam. – Só não tira você de um telhado, aparentemente.

– Legal – falo com um gemido.

Levanto da cama e pego uma calça limpa de uniforme, preta e áspera, dentro da cômoda.

– Por que você *iria embora*? Não estão expulsando você, estão?

Viro o rosto para o outro lado quando visto a calça, mas não consigo disfarçar o desconforto na minha voz.

– Não. Não sei. Vou explicar o esquema para você.

Ele faz que sim com a cabeça.

– Certo. O que tenho que fazer?

– Vou deixar meu caderno com a pontuação, os cálculos e tudo, e você simplesmente preenche as apostas que receber. – Fico de pé, puxo a cadeira para perto do armário e subo nela. – Aqui.

Meus dedos se fecham ao redor do caderno que prendi com fita adesiva em cima da porta e puxo. Um outro caderno, do meu segundo ano, ainda está lá, da época em que o negócio cresceu tanto que eu não pude mais confiar na minha memória, que é boa, mas não fotográfica.

Sam dá um meio-sorriso. Percebo que está impressionado por nunca ter reparado no esconderijo.

– Acho que consigo fazer isso.

As páginas que ele folheia são registros de todas as apostas feitas desde o começo do nosso terceiro ano em Wallingford e as vantagens em cada uma delas. Apostas sobre quem mataria o rato que havia em Stanton Hall: Kevin Brown com seu taco de polo, Dr. Milton com as ratoeiras com pedaços de bacon ou se Chaiyawat Terweil o pegaria com sua armadilha cheia de alface e completamente respeitosa à vida. (As apostas estão a favor do taco de polo.) Sobre quem seria escolhida como atriz principal de *Pippin*, Amanda, Sharone ou Courtney, e se a atriz principal perderia o lugar para a substituta. (Courtney conseguiu o papel; ainda estão na fase de ensaios.) Sobre quantas vezes por semana será servido no refeitório “brownie com nozes sem nozes”.

Agenciadores de apostas de verdade ficam com uma porcentagem e usam um livro de controle para garantir o lucro. Por exemplo, se alguém aposta 5 pratas em uma luta, está na verdade apostando 4 dólares e 50 centavos. Os outros 50 centavos vão para o agenciador de apostas. Para o agenciador, não faz diferença quem ganha; ele só se preocupa com o equilíbrio das apostas, para que possa usar o dinheiro dos perdedores para pagar os vencedores. Não sou um agenciador de apostas de verdade. Os alunos de Wallingford querem apostar em coisas bobas, coisas que talvez nunca aconteçam. Eles têm dinheiro de sobra. Então, às vezes, eu calculo as vantagens do jeito certo, do jeito que os agenciadores fazem, e, outras vezes, calculo do meu jeito e torço para conseguir ficar com tudo em vez de ter que pagar mais dinheiro do que tenho. Você poderia dizer que também estou apostando. É isso mesmo.

– Lembre-se – falei –, só dinheiro. Nada de cartão de crédito nem de relógios.

Ele revira os olhos.

– Está mesmo dizendo que alguém acha que você tem uma máquina de cartão de crédito aqui?

– Não. Eles querem que você fique com o cartão e compre alguma coisa que custe o valor que devem. Não aceite; fica parecendo que você roubou o cartão deles e, acredite, é o que dirão aos pais.

Sam hesita.

– Tá – diz ele, por fim.

– Tudo bem. Tem um envelope novo na escrivaninha. Não se esqueça de anotar tudo.

Sei que estou falando demais, mas não posso dizer a ele que preciso do dinheiro que ganho. Não é fácil frequentar uma escola dessas sem dinheiro. Sou o único garoto de 17 anos de Wallingford que não tem carro.

Faço sinal para que ele me passe o livro.

Quando estou colocando-o no lugar, alguém bate à porta com força, e quase caio com o susto. Antes que eu possa falar qualquer coisa, a porta se abre e o inspetor do andar entra. Ele olha para mim como se esperasse que eu estivesse preparando uma corda para me enforcar.

Desço da cadeira.

– Eu só estava...

– Obrigado por pegar minha mochila – diz Sam.

– Samuel Yu – diz o Sr. Valerio. – Tenho certeza de que o café da manhã já acabou e as aulas começaram.

– *Aposto* que o senhor está certo – diz Sam, com um sorrisinho em minha direção.

Eu poderia dar um golpe em Sam, se quisesse. Eu faria assim, pedindo a ajuda dele, oferecendo um pequeno lucro ao mesmo tempo. E acabaria levando um pouco da grana dos pais dele. Eu poderia dar um golpe em Sam, mas não farei isso.

Não farei, é sério.

Quando a porta se fecha atrás de Sam, Valerio se vira para mim.

– Seu irmão só pode vir amanhã à noite, então você vai ter que ir para a aula com os outros alunos. Ainda estamos debatendo a questão de onde você vai passar a noite.

– Sempre dá pra me amarrar na cabeceira da cama – digo, mas Valerio não acha muito engraçado.

Minha mãe explicou o essencial sobre golpes mais ou menos na mesma época em que explicou sobre as maldições. Para ela, a maldição era como conseguia o que queria, e o golpe era como escapava do que tinha feito. Não consigo fazer as pessoas amarem ou odiarem instantaneamente, como ela, nem fazer seus corpos se virarem contra si mesmos, como Philip, nem tirar a sorte das pessoas, como meu outro irmão, Barron. Mas não é preciso ser um mestre para ser um golpista.

Para mim, a maldição é uma muleta, mas o golpe é tudo.

Foi minha mãe quem me ensinou que, se você quer tirar vantagem de alguém (seja com magia e esperteza ou só com esperteza), tem que conhecer o alvo melhor do que ele conhece a si mesmo.

A primeira coisa que precisa fazer é conquistar sua confiança. Seduza-o. Certifique-se de que ele pensa ser mais inteligente do que você. Depois, você (ou, idealmente, seu parceiro) sugere o negócio.

Deixe seu alvo ganhar alguma coisa logo de cara. Nessa área, isso é chamado de “persuasão”. Quando ele sabe que tem dinheiro no bolso e pode ir embora, essa é a hora em que abaixa a guarda.

O segundo passo é quando você apresenta os valores maiores. A grana alta. Essa é a parte com a qual minha mãe nunca precisa se preocupar. Sendo uma mestra de emoções, consegue fazer qualquer um confiar nela. Mas mesmo assim ela precisa passar pelas etapas, para que, mais tarde, quando eles voltem a pensar no assunto, não percebam o que ela fez com eles.

Depois disso vêm apenas o corte de relações e a fuga.

Ser um golpista significa pensar que você é mais inteligente do que todo mundo e que pensou em tudo. Que é capaz de se safar de tudo. Que consegue enganar qualquer um.

Gostaria de poder dizer que não penso no golpe quando interajo com as pessoas, mas a diferença entre mim e a minha mãe é que eu não engano a mim mesmo.